

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2010

Devido ao desaparecimento das línguas e culturas clássicas

ESCOLAS ESTÃO A FORMAR UMA ‘GERAÇÃO DE ÓRFÃOS’

No início do corrente ano lectivo, em conversa com um experiente professor, também ele docente de Latim e de Grego, constatávamos que nos tempos que correm dificilmente os jovens estudantes portugueses conseguem uma formação íntegra e solidamente por causa da secundarização a que foram votadas a língua, a cultura e a civilização clássicas nas estruturas curriculares nacionais. E a conclusão a que chegávamos era esta: se lhes cortam as raízes, como poderão eles crescer? Se lhes barram o acesso às fontes do conhecimento, onde vão eles encontrar a pureza cristalina da verdade? Se lhes bloqueiam os horizontes do passado, como se lhes pode exigir que tenham um olhar de esperança no presente e no futuro? Se não lhes é dada a possibilidade de conhecer a sua identidade, como podem eles conviver com a pessoa que são?¹

A revisão curricular que há poucos anos ‘revolucionou’ o Ensino Secundário a pretexto de habilitar todos os jovens que o frequentam “com uma bagagem de vida indispensável para a sua integração num mundo cada vez mais incerto, em acelerada e profunda evolução, caracterizado pela mobilidade, pelo multiculturalismo e multilinguismo”² – inquestionavelmente boas intenções – esqueceu-se de um aspecto verdadeiramente importante: a efectivação daquele objectivo só é possível com a convivência curricular com as áreas matriciais do nosso conhecimento civilizacional, cultural, linguístico, literário, estético, etc.

Sabemos, por experiência docente de largos anos de Ensino Secundário, que não são as línguas, a cultura e a civilização clássicas que vão resolver e colmatar as graves lacunas que existem a nível educacional nas

¹ Os melhores professores do meu Ensino Secundário – que recordo com eterna gratidão - eram formados em ‘Clássicas’. Distinguiam-se pela competência científica, didáctica, pedagógica e, sobretudo, pela coerência das atitudes e dos valores que nos transmitiam. Foi o exemplo deles que me levou ao curso de Humanidades Clássicas.

² http://www.dgic.minedu.pt/recursos/Lists/Repositorio%20Recursos2/Attachments/252/latim_A_10.pf

escolas deste país. Não são milagrosas. Não resolvem tudo. É um facto. Mas sabemos também o quão úteis poderão ser para ‘estancar’ a hemorragia que grassa na disciplina de Português o que, como sabemos, acaba por afectar todas as outras disciplinas. Por isso, não conseguimos compreender por que motivo foram completamente secundarizadas, se não até ‘escorraçadas’, das componentes curriculares de alguns cursos. Não advogamos a omnipresença do ensino do Latim e do Grego em todos os Cursos. Pensamos que deveria ter carácter obrigatório no curso de Línguas e Humanidades e até no de Ciências Socioeconómicas. O cariz opcional ficaria para os restantes cursos. Reduzir o Latim a opção no curso de Línguas e Humanidades e o Grego a opção de 12º ano daquele curso é absurdo.

Quando uma disciplina é relegada para o domínio ‘opcional’ tem os dias contados, porque outros valores mais altos se levantam dentro das escolas. Numa época em que escasseiam discentes e sobram docentes, se se puder eliminar uma disciplina para constituir outras turmas de outras disciplinas, não se pensa duas vezes: a primeira vítima é o Latim. Do Grego nem vale a pena falar! Como os professores de Latim e de Grego podem ‘dar Português’, portanto têm disciplina garantida, a tendência é eliminar aquelas disciplinas e introduzir (‘inventar’) outras para que os professores que as ministram possam ter ‘horário’! Por isso, para as línguas clássicas “opção” é sinónimo de exclusão.

Aqui na Região Autónoma da Madeira, até ao início deste milénio, o Latim e o Grego tinham uma pujança tal nas escolas secundárias, tanto no ensino diurno como no nocturno, que, por vezes, era difícil encontrar docentes que assegurassem a leccionação dessas disciplinas. Actualmente, no conjunto de todas as escolas insulares, existe apenas uma (pequena) turma! A última reforma curricular, de facto, ‘matou’ as línguas e cultura clássicas³.

Esta ‘morte’, já de si dolorosa, aconteceu num momento pouco oportuno (se é que existe momento oportuno para a morte), porque tinha acabado de acontecer uma revitalização nos *curricula* daquelas línguas, no âmbito das alterações curriculares que atingiram todas as disciplinas. Paradoxalmente, depois de os programas as terem tornado mais interessantes, mais atractivas, mais pragmaticamente úteis, mais transdisciplinares e de terem acentuado o carácter dialogante, a vertente humanista e a dimensão

³ Antes da reforma curricular, nas escolas onde leccionámos, sempre tivemos turmas de Latim e, até, de Grego. Chegámos, inclusive, a trabalhar vários anos só com turmas de Latim e de Grego. Hoje apenas temos Português.

universalizante – que lhes conferiam um carácter ímpar no contexto educativo e formativo – quando estavam reunidas todas as condições para que os frutos da língua e da cultura clássica começassem a ser saboreados, eis que a ‘concorrência desleal’, patrocinada pelo Ministério e aplicada por muitas direcções escolares, as desaloja do pedestal curricular.

Nos currículos escolares falta, inequivocamente, um elemento unificador que dê coesão transversal às várias disciplinas para que elas deixem de ser um somatório de parcelas curriculares que vai sendo avulsamente transmitido aos alunos. Os professores têm essa consciência e os alunos sofrem as consequências. Por isso, não admira que da boca deles, por vezes, saiam reacções significativamente expressivas, como: “isto não serve para nada”; “a escola não nos prepara para a vida”; “não me sinto realizado na escola”; “há tantas disciplinas, mas cada uma parece um mundo à parte”; “as disciplinas não formam”; “tira-se pouca utilidade de 90 minutos numa aula”.

Com currículos labirínticos, os jovens sentem-se perdidos nos itinerários da vida escolar, o que é de lamentar num povo que descende de um rico e variado espaço cultural e se constituiu num descobridor de lugares. Infelizmente, hoje os estudantes vivem fragmentariamente a sua cidadania por não poderem percorrer o caminho, de que também são legítimos herdeiros, por lhes estar vedado o acesso. Desconhecem o itinerário da sua humanidade! E se não sabem de onde vêm, dificilmente saberão para onde vão. Fechadas as fronteiras da origem, ficam à deriva no trânsito da vida.

Um dos objectivos da revisão curricular portuguesa era proporcionar a “todos os jovens” uma “bagagem de vida indispensável” para a sua integração num mundo em constante mutação e de permanente itinerância humana. Não foi atingido. Duvido que alguma vez seja. Infelizmente, o quotidiano da nossa experiência docente mostra-nos que a generalidade da juventude chega ao Ensino Secundário com uma “bagagem” cada vez mais reduzida. E pior que isso: os três anos de ‘Secundário’ não são suficientes para a ‘enriquecer’, como o provam, por exemplo, em cada ano que passa, os fracos resultados dos Exames Nacionais do Ensino Secundário. Se eles nada têm, nada podem mostrar!

E é neste estado - de *bagagem limitada* - que uns partem para a universidade da Vida e outros para a vida universitária. Bem sabemos que não são as línguas clássicas que vão encher “a bagagem”, mas também estamos cientes de que, por pouco que seja o conhecimento que transmitem, na experiência de vida de cada um sempre se encontrará qualquer coisa.

A maior parte dos nossos alunos não está, portanto, em condições de prosseguir o seu percurso profissional, académico e pessoal, numa perspectiva de educação e de formação ao longo da vida, nem tão pouco de se assumir como cidadão de pleno direito, crítico e interveniente, numa sociedade democrática moderna e desenvolvida, porque o acesso à via verde do conhecimento estrutural e estruturante ficou mais dificultado com a ‘remodelação’ do itinerário formativo português, que secundarizou os pilares e os faróis do conhecimento, como acabámos de verificar.

Se se apregoa que o Latim⁴ assegura “o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais duma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa”; faculta o conhecimento necessário à compreensão das manifestações estéticas e culturais e abre portas ao aperfeiçoamento da expressão artística e fomenta “a aquisição e aplicação dum saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação”.

Se da mesma forma se divulga que o Grego⁵, por exemplo, no domínio da formação pessoal e social, contribui não só para “o fortalecimento de valores como o espírito de solidariedade, de tolerância, de aceitação da diferença e do diálogo intercultural”, como também para “o desenvolvimento de hábitos de reflexão metódica e disciplina mental, autodisciplina e persistência no trabalho individual ou de grupo”, para além de consolidar a autonomia e estima pessoal pelo sucesso na consecução dos nossos objectivos; se, portanto, existe uma ‘consciente consciência’ do valor (in)formativo das línguas e culturas clássicas por que razão não as tratam com o respeito que merecem? Por que motivo as ‘opcionalizam’?

A efectiva (re)integração das línguas e cultura clássicas nos *curricula* escolares não resolveria, no imediato, o problema da crescente desumanização individual e social, mas estamos convictos de que os efeitos daquele poderoso fertilizante não demorariam muito tempo a fazer-se sentir no espírito humano.

“Ó Professor, se o Latim é a mãe da nossa língua, porque é que nós crescemos sem ela?”, perguntava-me pertinentemente há uns anos um aluno que não compreendia o motivo da não obrigatoriedade da disciplina nos

⁴http://www.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositio%20Recursos2/Attachments/252/latim_A_10.pdf

⁵http://www.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositio%20Recursos2/Attachments/237/grego_12.pdf

currículos escolares. De facto, como pode um filho crescer íntegra e harmoniosamente sem a presença da mãe?! Os resultados são bem visíveis: a falta de ‘aleitamento materno’, nos domínios linguístico e cultural, originou uma ‘geração de órfãos’. Nos recintos escolares portugueses, são poucos os professores que não se queixam de que, em geral, os seus alunos escrevem mal, falam mal, lêem mal, interpretam mal, têm pobreza vocabular, não cultivam valores...

É pena que estejamos a educar uma geração na orfandade cultural quando a mãe civilizacional está disponível para nos amparar no crescimento e formação. Se o ‘aleitamento linguístico/cultural/civilizacional’ das línguas e culturas clássicas, cujo prazo de validade é ilimitado, voltar a ocupar o lugar que merece nos currículos do sistema educativo português, teremos com toda a certeza um desenvolvimento e um crescimento humano mais equilibrado e mais saudável.

Haja vontade ministerial, porque aos ‘docentes de clássicas’ nunca faltou aquela energia que brota das seivas da origem.

CRISTÓVÃO PEREIRA